

O ARTISTA

ASSIGNATURA

Por mez. 500 Rs.

PUBLICA-SE

Regularmente aos Domingos

ORÇÃO LITTERARIO, INDUSTRIOSO E ARTISTICO
DA PROVINCIA DE SANTA CATHARINA

ANNO I

Desterro - Domingo 29 de Junho de 1879

N. 29

O ARTISTA

Desterro, 29 de Junho de 1879.

O nosso distincto patricio Dr. Genuino Vidal convocou para hoje uma reunião dos artistas desta capital, a fim de organisarem uma associação beneficente.

De ha muito se fazia sentir entre nós a necessidade de similhante instituição, cujas vantagens é ocioso demonstrar, e pois, não podemos deixar de applaudir com entusiasmo tão louvavel iniciativa, nós, que somos aqui o unico órgão artistico, e que tanto lamentámos o pouco espirito de sociabilidade que ha nesta, como em quasi todas as classes, na nossa terra.

Desejamos, pois, que a idéa do illustrado Sr. Dr. Genuino seja abraçada por todos os artistas, e por elles levada á realidade, sendo, porém, muito conveniente que a Direcção e Commissões da nova Sociedade sempre se componhão exclusivamente de pessoas da respectiva classe, e não se reproduza o facto extranho, que já se deu nesta nossa terra, em Maio de 1877, de haver um *Instituto dos Professores publicos*, que tendo de eleger uma commissão para rever e refundir os seus estatutos, fez recahir a sua escolha

em um advogado, um padre, um medico, e dois empregados publicos, um d'elles aposentado sem que um só Professor fizesse parte dessa commissão, dando-se ainda a circumstancia de que dois dos eleitos, aliás muito dignos, apenas haviam respondido verbalmente á participação escripta de terem sido admittidos expontaneamente como socios, e nunca se apresentaram ás Sessões da Sociedade, nem mesmo da commissão!

Esperamos, pois, que, bem constituida e dirigida, preste a nova corporação muito bons serviços aos seus associados, dignos por sem duvida de toda a consideração.

LITTERATURA

A caverna maldita

Novella

Por...

X

O sol ainda não tinha encoberto, quando chegamos em frente á caverna. Parecia ter suspenso o seu curso para

contemplar esse momento solemne em que se ia travar um tão encarniçado combate.

Quasi todos os homens que me tinham acompanhado estavam pallidos; mas não amedrotados.

Debray, com a sua companhia, foi cercar a porta por onde tinhamos fugido, enquanto eu, na frente dos trinta homens que commandava, fui por cerco á quella por onde tinha entrado, ha poucos dias, a procissão.

Mas qual não foi o nosso espanto, quando, depois de termos percorrido todo aquelle vasto subterraneo, não encontramos uma só creatura? Só em uma sala é que estava posto sobre uma meza o cadaver de Murat, (como o leitor já deve saber) tendo em uma mão um escripto que assim dizia:

—A causa de minha morte foi a traição de Debray.—

Desesperado por não ter-me podido vingar, quiz matar-me; mas tirarão-me a fatal arina da mão.

Corri como louco para o lugar onde tinhamo sido sacrificados os meus companheiros; ali encontrei todos os vestigios da fogueira: os troncos em que foram amarradas as victimas jazião dispersos pelo chão, e o mais era um montão de cinzas.

FOLHETIM 10

IR A ROMA E NÃO VER O PAPA

Por

ALEXANDRE DUMAS

TRAD. DE M. PINHEIRO CHAGAS

—O sr. Louet já viu um combate naval? perguntou-me o capitão.

—Nunca vi.

—Tem vontade de ver um?

—Confesso que preferia qualquer outra coisa.

—Sinto muito, porque, se tivesse vontade de ver um bom combate naval, ia ser satisfeito o seu desejo.

—Como! disse eu empallidecendo in-

voluntariamente.—Sabem que este phenomeno é independente da vontade do homem.—Como! Nós vamos ver um combate naval? Ah! o capitão está a brincar! Maganão!

—Ah! estou a brincar... Suba mais alguns degraus e olhe... Subio?

—Já cá estou, capitão.

—Então que vê?

—Vejo três lindissimos navios.

—Conte bem.

—Quatro.

—Procure mais.

—Cinco, seis.

—Ora adeus!

—São seis, são.

—Conhece as bandeiras das diferentes nações?

—Pouco.

—Não importa, olhe para aquelle que tem o pavilhão maior...no mesmo sitio em que nós temos o pavilhão tricolor. O que é que tem lá o d'elles?

—Eu pouco percebo de figuras heraldicas, parece-me comtudo que distingo uma harpa.

—Pois é a harpa da Irlanda. D'aqui a pouco vamos nós ter uns harpejos.

—Mas, capitão, disse-lhe eu, parece-me que elles ainda lá estão muito longe, e que, despregando toda este panno que não está a fazer nada, ao longo das suas vergas e dos seus mastros, se podia safar. Eu cá, no seu logar, safava-me. Perdão, esta é a minha opinião como quarto violoncello do theatro de Marselha. Folgaria que o capitão a partilhasse. Se eu tivesse a honra de ser marinheiro, talvez a minha opinião fosse diversa.

—Se, em vez de ser um violoncello, fosse um homem que me dissesse o que o sr. acaba de me dizer, tornou o capitão, tinhamos historia. Saiba que o capitão Garnier não se safar; bate-se até que o seu navio seja crivado de balas, depois

Precipitei-me sobre as cinzas, julgando abraçar assim os cadáveres dos meus companheiros.

Debray e os demais homens, depois de muitos esforços, conseguirão accommodar-me.

Passamos a noite na caverna; nunca houve uma noite tão extensa para mim, que velle chorando continuamente.

O velho lavrador fez um pausa, levando a mão aos olhos para enxugar uma lagrima que lhe rolava pelas enrugadas faces.

Depois proseguio:

No dia seguinte puzemo-nos a caminho para a aldeia.

Dous dias depois, Debray, esse fiel amigo, que me tinha salvo das mãos dos bandidos tão generosamente, apartou-se para sempre de mim.

—Eis a historia daquella caverna, disse o velho lavrador pausadamente, que entre nós é conhecido por—Caverna maldita—.

Quando cheguei a casa, escrevi esta historia tal qual me foi contada pelo lavrador.

FIM.

Julietta

POR
HORACIO NUNES

I

Cahia a noite.

O campo era vasto e triste.

Além,—sombrias montanhas erguiam-se do seio tranquillo da planície, a tocar o ceu com as suas cumiadas ponteadas.

A'quem,—um vallesinho saúdoso, sal-

picado de boninas brancas, murmurava umas cantilênas melancolicas, quando passavam os perfumados favonios, interrompendo o silencio do êrmo com o languido arrastar de suas azas candidas.

Aqui,—uma cascatasinha rolava preguiçosa as suas agoas chrystalinhas, formando mil rodoinhos nos seixos de brilhantes cores, que lhe tapisavam o leito.

Alli,—erguia-se, como uma gayvota na superficie calma de extenso lago, uma casinha branca

A lua mostrava a face pallida e somnolenta nos vastos horisontes cor de perola.

II

De repente uma harmonia,—similhante a um choro de anjos resando aos pés de Deus,—quebrou o silencio das serranias.

Eram os accôrdes saudosos de uma lyra, acompanhados de uma voz que arrancava lagrymas nas suas varias modulações.

Um homem, involto em longa capa negra, surgiu de um dos angulos da casa, e ficou extatico.

Trazia uma guitarra na mão.

A voz continuava:—era um turbilhão de notas mais e mais divinas, que expiravam e renasciam, despertando os echos, que dormiam placidos nas cavas das montanhas; era uma catadupa de harmonias rojando os seus sons dulcissimos á immensidade dos espaços nas azas cambiantes da divina inspiração.

O homem incostou-se a uma arvore, inxugou duas lagrymas que lhe-corriam pelo rosto pallido, e cantou tambem....

Momentos depois, lyra e guitarra, voz e voz confundiram-se n'uma derradeira nota, e ficou silenciosa a planície...

III

Abriu-se uma porta.

Ouvio-se intão o estalo de um beijo e duas exclamações:

—Annibal !..

—Julietta !..

—Silencio !.. Meu pai adormeceu ao som da minha lyra, nao o-despertemos. Soû um novo beijo, e... mais nada.

A lua, n'esse momento, velou a face n'uma nuvem négra, e o vento gemeu mais forte nos leques das palmeiras.

Um trovão ribombou no horisonte, e uma gôta de chuva,—uma lagryma talvez cahida dos cilios de algum anjo,—humideceu a fronte ardente de Julietta.

Ella enxugou a lagryma do ceo, mas a sensação do gelo ficou.

IV

Intraram.

O velho dormia placidamente, recostado n'uma cadeira, com os labios entre abertos, sorrindo.

Sonhava.

Annibal incarou-o um instante e o rubor do pejo subiu-lhe ás faces. Depois curvou a fronte e ficou immovel. A tranquillidade d'aquelle rosto inrugado e pallido, a alvura d'aquellas cans, o sorriso de felicidade que brincava n'aquelles labios descorados, humilharam-no.

O mancebo deu um passo para o lado da porta.

Julietta tomou-lhe a passagem:

—Onde vai ?—

Annibal levantou os olhos para a sua amante.

Nunca Julietta estivera tão bella como n'aquelle momento.

espera a abordagem, e, quando tem a tolda coberta de inglezes, vai ao paiol, com o seu cachimbo, que chega a um barril de polvora, e manda os inglezes ver se o Padre Eterno ainda lá está por cima.

—E então?... e os francezes?

—Os francezes tambem.

—E os passageiros?

—Os passageiros igualmente.

—Oh! capitão, nada de brincadeiras!

—Eu nunca brinco, sr. Louet, principalmente depois de ter tocado a postos para o combate.

—Capitão! capitão! em nome do direito das gentes, mande-me pôr em terra; prefiro ir a pé. Foi assim que eu vim, posso-me ir embora igualmente.

—Quer que eu lhe dê um conselho, sr. Louet? disse o capitão tirando o cachimbo da boca e pondo-o ao pé de si.

Os olhos brilhavam-lhe com um fulgor extranho; as faces scintilhavam-lhe

—Dê, dê, um conselho é sempre bem acolhido por um homem de juizo.—Eu não desgostava de lhe dar de um modo indirecto esta pequena lição.

—Vá-se deitar, sr. Louet. Levantou-se agora, não é verdade? pois torne-se a deitar.

—Uma ultima pergunta, commandante.

—Pergunte.

—Ha algumas probabilidades de salvação?—É um homem casado, com mulher e filhos, que lhe faz esta pergunta. —Dizia-lhe isto para o enternecer, porque a verdade é que sou solteiro. O capitão parece que abrandou, e eu felicitei-me pelo meu estratagemas.

—Oíça, seuhor Louet, disse-me elle: percebo que esta posição seja desagrada-

vel para um homem que não é cá da porfissão. Sim, pode succeder uma coisa.

—O que? disse eu. o que? se lhe posso ser util disponha de mim.

—Vê aquellas nuvens negras, acolá, a su-sudoeste?

—Vejo.

—Promette-nos apenas uma ventania. Peça a Deus que ella se transforme em tempestade.

—O que! em tempestade, capitão? Mas com as tempestades naufraga-se.

—Pois é e melhor que nos pôde acontecer.

O capitão pegou outra vez no seu cachimbo. Mas vi com grande satisfação que estava apagado.

Continúa

de rubôr; os cabellos cahiam-lhe em desalinho sobre o vestido branco.

Tanta formosura roubou a Annibal o ultimo resto de coragem que ainda o animava.

Fez, contudo, um derradeiro esforço ainda.

Tomou uma das mãos alvas de Julieta e tentou desviar-a do caminho.

—Deixa-me.—disse elle.

E quiz sahir.

Um suspiro, porém, fêl-o retroceder para dar o beijo de despedida na sua amante.

Julieta escondeu o rosto nas mãos.

A misera chorava.

Continúa

POESIAS

A Marselheza

(Hymno democratico
de José Rouget de Lisle.)

Off. á S. Musical «Recreio Josephense»

Avante ! eia ! filhos da patria,
De gloria chegou nosso dia;
Pois contra nós da tyrannia
Ergueo-se o estandarte de sangue.
Além não ouvis pelos campos
Os brados dos feros soldados ?
Degolar-vos vem os malvados.
As vossas esposas e filhos...

As armas, cidadãos ! em batalhões formai-vos !
Eia ! de um sangue vil fiquem no rasto os laivos !

Que quer esta horda de escravos,
De traidores, reis conjurados ?
P'ra que ferros d'antes forjados ?
P'ra que tão ignobeis estorvos ?
Francezes, p'ra nós quanto ultrage !
Que enthusiasmos deve excitar !
Se em nós elles ousão pensar
E para fazer'-nos escravos.

A's armas etc., etc.

Deixarmos que em lares da patria
Decretem as leis estrangeiros ?!...
Vencerem os nossos guerreiros
Phalanges de vis mercenarios ?!
Deus justo ! por braços servis
Curvamos a frente aos sicarios ?!
E á despotas vis, sanguinarios
Fazermos da patria senhores ?!

A's armas etc., etc.

Tyrannos, tremei, e vós transfugas,
Opprobrio de todos os partidos,
Os vossos projectos infidos

Recebem alfim o seu premio.
Tudo é contra vós bom soldado !
Se os jovens herões na batalha
Morrerem, da propria mortalha
Rebentos gentis sahirão.

A's armas etc., etc.

Francezes, guerreiros magnanimos,
Paraí vossos golpes, que amparo
Merece de vós grupo ignaro
Que vem constrangido bater-vos...
Não complices vis de Bouillé,
Não despotas tão sanguinarios,
Pantheras, ferozes sicarios,
Que entranhas maternas devorão...

A's armas etc., etc.

Se os nossos maiores morrerem
Na nobre carreira entraremos
E ahí na poeira acharemos
Os traços de suas virtudes!

Viver desejando nós menos
Do que no sepulchro igualal-os,
Ou de os seguir sempre ou vingal-os
Teremos o orgulho sublime.

A's armas etc., etc.

Amor divo e sacro da patria,
Dirige os herões vingadores:
Combate com teus defensores,
O' grata e gentil liberdade.
Se incline á teu masculo accento
Sob nossa bandeira a victoria;
Que o teu triumpho e nossa gloria
Contemplem vencidos imigos.

As armas cidadãos! em batalhões formai-vos
Eia de um sangue vil fiquem no rasto os laivos

S. José, 1876.

PAULINO DE ALBUQUERQUE.

ARTISTA E REI

*Alevanta orgulhosa a altiva fronte,
Radiante da luz da intelligencia,
C' roada de laureis.*

*Porque aos olhos da sã philosophia,
A corôa do artista é mais distincta,
Mais bella que a dos reis.*

Artista e rei são grandiosos vultos,
Que a fama eleva no alcaçar da gloria;
Artista e rei são conquistados nomes
Ao som dos brados de immortal victoria.

Nascem monarchas, mas não nasce o artista !
Herda-se sceptros, mas não se herda o genio !
Perante as armas perde o rei a c' roa,
Brilha a do actor no triumphal proscenio !

Em aureo throno a magestade excelsa
Um povo rege com poder sob'rano;
Mas vem da guerra o retumbar medonho,
Calcar a frente desse rei tyranno !

Cingida a frente com virentes louros,
O artista impera e verdes palmas colhe;
Sem que da guerra o retumbar medonho,
A sua c'roa perennal desfolhe !

Que valem louros ? de que servem palmas ?
Ao rei coberto de ouropel luzente ? !
Se após as quedas das phalanges suas
Accerbas d'eres de proscripto sente ! ?

Não morre o artista, para sempre vive,
Seu nome ovante nos annaes da historia !
Não murchão palmas na ovação colhidas,
Não morrem nomes onde vive a gloria ! ! !

M. J. Gonçalves Junior.

NOTICIARIO

Jornaes

Agradecemos ás respectivas redacções a remessa dos seguintes Jornaes:

Despertador, Regeneração, Conservador, Echo do Paraná, Municipio, Gazeta de Joinville, Correo Commercial, Theophilo Ottoni, Nova Aurora, O Futuro, Jornal de Penedo, Jornal Popular, Gazeta de Taubate e O Povo.

Parabens.—São sinceros os que ora dirigimos aos habitantes de S. Sebastião de Tijucas, não só pela recente nomeação do Rev. P.^o Franco para Vigário commendado d'aquella Parochia, como pela fundação alli da Pharmacia do Sr. Reinhardt.

Erão duas necessidades palpitantes, que acabão de ser felizmente satisfeitas, obviando-se assim os lamentaveis inconvenientes que até agora se davão.

Quitandeiras.—Em dias da semana finda, um nosso amigo chefe de familia, comprou a uma quitandeira no Mercado um pouco de aipim. Felizmente, porém, na occasião de ser deitada a cozinhar reconheceo-se que tal não era e sim que o nosso amigo havia sido logrado, pois comprára pura mandioca em vez da quelle.

Ora, contendo essa raiz substancias toxicas, que consequencias funestas não terião succedido se por feliz casualidade não se houvesse reconhecido o engano, em tempo ainda de evital-as.

Em beneficio da saude publica e em bem da reputação das nossas auctoridades pedimos á quem competir providencias tendentes á evitar que tal facto se reproduza; pois nem sempre em nossas casas ha o devido cuidado da parte das cozinheiras, em reconhecer qual a qualidade das verduras e hortaliças que manipulão.

O Club Musical 19 de Junho, festejou na 5.^a feira 19 do corrente o seu primeiro anniversario, dando-nos horas de affaveis divertimentos.

A soirée, que com prazer assistimos, correu as mil maravilhas, havendo sempre muita harmonia, entre seus socios e convidados.

Os Salões, acharão-se perfeitamente preparados para esta festa, devido aos esforços e ao bom gosto da commissão para este fim nomeada.

A concurrencia foi grande.

Havia muita moças e quasi em todas

tivemos occasião de apreciarmos elegantes toilettes.

A banda de musica do Club, deu entrada ao baile ás 9 horas da noite, pouco mais ou menos, tocando uma linda quadrilha succedendo-lhe Polkas e Walsas, em cuja execucao demonstrou-nos o progresso que fez em tao pouco tempo de existencia.

Terminou o baile as 3 1/2 horas da manhã sahindo todos satisfeitos, por tao agradável passatempo.

Accetei pois o Club 19 de Junho, as nossas felicitações pelo bom exito que teve a festa do seu primeiro anniversario, fazemos votos para que trilhando o brilhante caminho que prosegue, chegue ao esplendido fim que lhe reserva o futuro.

Passeio pelo mundo as avessas.

Temos o prazer de annunciar que achase já no prelo desta typographia o poema, de que temos tratado em numeros anteriores, composto pelo nosso distincto collaborador e amigo o Illm. Sr. Wenceslão Bueno de Gouvêa, e que em breve teremos a satisfação de ver essa bella producção poetica gosar da merecida publicidade.

DECLARAÇÃO

Um dos nossos collaboradores, cujos nomes publicamos em o n. 20 de 6 de Abril ultimo, pede-nos para que declaremos, em abono da verdade, o seguinte:

Que sendo eu o editor-proprietario do ARTISTA, a sua Redacção, composta de diversos cavalheiros, cada um d'elles por nós convidado de per si, não é solidariamente responsavel pelas idéas, que nelle se tenham emitto, ou venhão a emittir-se, e apenas cada um, isoladamente, assume a responsabilidade legal e moral dos seus escriptos, ainda que estes, quando publicados, não o sejam com a assignatura do auctor.—

Desterro, 29 de Junho de 1879.

ALEXANDRE MARGARIDA.

VARIÉDADE

As mulheres feias

Ha por este mundo ainda muita gente ruim que falla contra a mulher feia. E no emtanto a mulher feia é o maior thesouro de que se pode ufanar o genero humano. O ciume, o zelo, o amor, esses tres inimigos roedores do nosso espirito, e de

nossa tranquillidade, desaparecem esparvoridos perante a mulher feia.

O marido da mulher feia é quasi sempre homem alegre, rubicundo, gordo e amigo do proximo. O marido da mulher bonita é desconfiado, magro, inquieto, nervoso e malcreado quasi sempre.

Fulano de tal, possuidor de uma mulher feia, vai a todos os bailes, comparece a todas reuniões, ri-se em alta voz, conversa com todo mundo, satyrisa a seu bel prazer a sociedade; em geral, dança, come de todas as bandejas meia duzia de bolos, discute politica, pavonea-se ao espelho e é o ultimo a abandonar os salões do baile terminado.

O marido da mulher bella pouco dança come pouco, não tira os olhos do lugar em que está a escolhida do seu coração, franze os sobr'olhos quando ella dança com alguém, passeia agitado pelas salas e, finalmente, depois da terceira quadrilha, pretexta uma enxaqueca e põe-se ao fresco sem a menor cerimonia.

Antes de entrar no salão do baile, não se esquece de recomendação habitual:

—Não dance muito, que não te fica bem, e a respeito de walsas, nem isso é bom.

—Nada de polkas e walsas, vê lá.

O consorte da feia é mais generoso.

—Dança, meu bem, dança a vontade. Olha, é higienico até! Faze de conta que estás solteira; não te importes comigo. Diverte-te, minha flôr diverte-te, até não poderes mais!

Perguntai ao marido de uma senhora bonita.

—Como vai a excellentissima?

Elle responderá vexadamente;

—Sem novidade. Obrigado.

O marido da feia dirá logo, depois de vinte sorrisos amaveis:

—Esta bôa, agradecido.

—Então? Não apparece mais por aquella choupana? Estará mal com-nosco? Minha mulher queixa-se que o senhor é o maior ingrato deste mundo.

—Appareça, appareça.

Continua

Errata.—Na terceira pagina, linha primeira, onde se lê:—de rubor—leia-se:—Os olhos brilhavam-lhe com um fulgor estranho; as faces scintillavam-lhe de rubor, etc.

Este engano foi devido á pressa com que se paginou esta folha.

ANNUNCIO

Aluga-se

A casa e chacara á Rua de Sant'Anna Praia de Fôra n. 1, para tratar na Rua da Pedreira n. 13.

Typ. e Lithographia de A. Margarida